

A ARTE PARA AS CRIANÇAS DO 5º ANO: COMPREENSÕES E REFLEXÕES

Saskia Lima dos Santos ¹
Milene de Fátima Soares ²

RESUMO

Este artigo tem por objetivo apresentar as reflexões sobre a Arte de crianças do 5º ano, participantes de um Programa da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal em uma escola pública de Taguatinga – DF. Essa pesquisa norteou-se nas ideias de Barbosa (1991), Ferraz e Fuzari (1993, 2009), nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), na Base Nacional Comum Curricular (2018) para tratar de Arte, da leitura/contextualização do ato criativo do homem; Pestalozzi (apud FERRARI, 2008), Dewey (1896, apud TEIXEIRA, 2010), Steiner (apud LANZ, 2016), Freire (1996) e Pacheco (2009) ressaltando uma educação que valorize a formação de um estudante ativo, crítico, reflexivo e autônomo. Foi possível constatar que a Arte pode contribuir para que a educação escolar seja mais humanizada e humanizadora, possibilitando que o estudante se expresse, crie, compreenda suas emoções e seus sentimentos, seja protagonista e reflita sobre sua realidade, buscando transformá-la.

Palavras-chave: Arte, Educação escolar, Vivências artísticas.

INTRODUÇÃO

A Arte sempre esteve presente no contexto histórico da civilização humana. Por meio das manifestações artísticas, o ser humano exterioriza a sua forma individual de ver o mundo. A percepção da Arte é diferente para cada sujeito e em cada momento, pois, conforme Ferraz e Fuzari (2009), ela não é apenas uma manifestação artística, mas, é essencial na história – períodos, fatos e estilos – e para o contexto de humanização no espaço escolar e social. É possibilidade de expressão por parte do sujeito que manifesta suas emoções e, para isso, faz uso de soluções artísticas – isto é, a autodescoberta, a percepção de si, do outro e do mundo, a transformação e humanização, com a intenção de reafirmar e ressignificar sua própria Arte. Nesse sentido, é fundamental que a Arte, como área do conhecimento no espaço escolar, seja trabalhada na Educação Infantil e nos Anos Iniciais com a intenção de despertar na criança “sua Arte”, tornando-a protagonista do processo de uma educação que, cada vez

¹ Graduada do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Instituto de Educação Superior de Brasília – IESB, aiksasamil@gmail.com;

² Professora orientadora: Mestre em Educação pela Universidade de Brasília – UnB/DF; Graduada em Pedagogia, com especialização em Psicopedagogia pelo Centro Universitário de Patos de Minas, UNIPAM/MG; Professora do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Instituto de Educação Superior de Brasília – IESB, milene.pedagogia@gmail.com.

mais necessita ser humanizada, ou seja, que valorize o processo de desenvolvimento humano – as emoções, as relações humanas e as singularidades de cada sujeito.

A construção desse artigo deu-se a partir de parte dos resultados e discussões advindos da elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Pedagogia, sendo a questão-problema: Como a Arte é concebida pelas crianças? E, com o seguinte objetivo: apresentar as reflexões sobre a Arte de crianças do 5º ano, participantes de um Programa da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal em uma escola pública de Taguatinga – DF.

É necessário questionar e refletir sobre a relevância desse estudo no curso de Pedagogia e, conceber de uma maneira mais humanizada e interdisciplinar a Arte no ensino da criança. Assim, com o intuito de entender a realidade por meio das manifestações artísticas e, a escola buscando propiciar experiências nas quais a criança desenvolva a autonomia para expressar sentimentos e emoções ao criar, imaginar, sonhar, questionar e refletir.

METODOLOGIA

A presente pesquisa é qualitativa e, assim, cabe destacar que, Yin (2016, p. 29), classifica-a como pesquisa que aprofunda no “significado das vidas das pessoas nas condições em que realmente vivem [...] Significados dados a fatos da vida real pelas pessoas que os vivenciam, não os valores, pressuposições, ou significados mantidos por pesquisadores”, mas, compreensão das reações, relações dos processos e fenômenos. Além disso, é uma pesquisa de abordagem participante, pois, para Fonseca (2002), tem como objetivo central o pesquisador como participante da comunidade que aproxima e aprofunda o entendimento da realidade a investigar junto com os estudantes. Cabe informar que a pesquisa ocorreu em uma escola pública de Taguatinga – DF, com crianças de duas turmas do 5º ano, ambiente laboral da pesquisadora 1.

Utilizou-se a análise documental que, segundo Lakatos e Marconi (2003), propicia procedimentos que envolvem a observação direta da realidade, entrevistas e relatos de histórias de vida obtidas durante a pesquisa de campo. O foco fora as produções de “telas” (pinturas produzidas com as digitais dos dedos das mãos pelas crianças) e os relatos após as produções, gravados em áudio.

A ARTE NA EDUCAÇÃO

Trabalhar a Arte implica em considerá-la para além da fantasia e imaginação e, mesmo sendo uma área do conhecimento que estimula e motiva a imaginação e criação humana por meio das manifestações artísticas, tem por objetivo a construção do saber humano, portanto, é um espaço para explorar, vivenciar, refletir e criticar.

São as experiências com a Arte, desde a expressão das emoções e da sensibilidade, às vivências significativas e à transformação humana que exprimem o autoconhecimento, conhecer o outro e o mundo. Nesse sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), em especial o de Arte, destacou que ela é a leitura de mundo a partir da experiência do artista e é no percurso do fazer artístico que ele seleciona, escolhe, constrói, representa, expressa e inventa novas realidades. “O artista faz com que dois e dois possam ser cinco, uma árvore possa ser azul, uma tartaruga possa voar. A arte não representa ou reflete a realidade, ela é a realidade percebida de um outro ponto de vista” (BRASIL, 1997, p. 28). Cabe esclarecer que Buoro (2000, p. 25) complementa que “entendendo arte como produto do embate homem/mundo, consideramos que ela é vida. Por meio dela, o homem interpreta sua própria natureza, construindo formas ao mesmo tempo em que se descobre, inventa, figura e conhece”. As experiências do indivíduo em seu contexto histórico e cultural e suas memórias transformam-se em Arte ao se ligar estreitamente aos desejos, sentimentos e às emoções do ser humano. Nessa perspectiva, Barbosa (1991) afirmou que Arte é descoberta, compreensão e transformação do cotidiano.

A arte é uma das mais inquietantes e eloquentes produções do homem. A arte como técnica, lazer, derivativo existencial, processo intuitivo, genialidade, comunicação, expressão, são variantes do conhecimento que fazem parte de nosso universo, estreitamente ligado ao sentimento da humanidade (FERRAZ; FUZARI, 2009, p. 101).

O PCN’ de Arte (1997, p. 32) apresentou que “Ao fazer e conhecer arte o aluno percorre trajetórias de aprendizagem que propiciam conhecimentos específicos sobre sua relação com o mundo”. Nesse aspecto, Barbosa (1991) pontuou que, a Arte parte da própria experiência, do conhecimento e do uso das linguagens artísticas – artes visuais, dança, música e teatro – que podem exercer um trabalho de resgate, de reconstrução coletiva e individual. Sendo assim, é fundamental destacar a proposta da Abordagem Triangular de Barbosa (1991) desenvolvida a partir do encontro entre a contextualização

histórica, apreciação artística e fazer artístico. Isso rompe a ideia de que a Arte é apenas “fazer por fazer” ou “copiar”, mas é a área do conhecimento que visa propiciar um olhar crítico a cada tempo, assim como a troca de experiências entre os estudantes e a criação, o que corrobora com uma educação humanizada, reflexiva e transformadora.

Quanto às Artes Visuais, o supracitado PCN (1997) apresenta também sugestões de criações artísticas baseadas na releitura, em acordo com a Abordagem Triangular. Entende-se que a releitura não são cópias de obras de Arte dos pintores estudados, como afirma Pillar (2009, p. 18):

A cópia diz respeito ao aprimoramento técnico, sem transformação, sem interpretação, sem criação. Já na releitura há transformação, interpretação, criação com base num referencial, num texto visual que pode estar explícito ou implícito na obra final. Aqui o que se busca é a criação e não a reprodução de uma imagem.

Então, a escola pode ser um ambiente que estimula e permite a criança compreender, apreciar e fazer Arte e, confrontar também se com a pergunta: “Qual é a minha relação com a Arte?”. Desse modo, cabe ao professor propiciar aos estudantes vivências artísticas e trocas de conhecimentos, afinal, a função da Arte na educação é a “preparação de indivíduos que percebam melhor o mundo em que vivem, saibam compreendê-lo e nele possam atuar”. (FERRAZ; FUZARI, 2009, p. 22)

O professor tem o compromisso de garantir aos estudantes vivências considerando – ver, fazer, apreciar e contextualizar a obra produzida, a própria realidade percebida, propiciando que sejam os criadores e protagonistas.

A Arte, reconhecida como área do conhecimento, está integrada ao viver humano, contribuindo para a formação integral da criança por meio do diálogo entre a subjetividade e a cultura coletiva e individual. Nota-se que o ensino da Arte possibilita a construção de um olhar crítico e questionador, por exemplo, sobre si mesmo, um período histórico, além de instigar novas reflexões sobre o mundo. Seguindo tal entendimento, a Base Nacional Comum Curricular (2018, p. 195) elucidou que o estudante irá “perceber, analisar e interpretar as manifestações artísticas e culturais, seja como criador, seja como leitor”.

Então, cabe ao professor proporcionar aos estudantes experiências pessoais, coletivas e históricas que lhe permitam imaginação, criação, leitura, fornecendo ainda materiais necessários que unem a Arte presente em seu cotidiano, pois como afirmou Best (1996, p. 48), “As artes são emocionalmente criativas” e, a criatividade está

presente na vida e na cultura. O professor é responsável por instigar olhares mais amplos e aprofundados sobre a Arte a partir do ato do estudante olhar para si mesmo, para a própria história, cultura, sociedade; ensinando-o a conhecer, apreciar e valorizá-la. Diante disso, cabe pensarmos sobre o lugar que a Arte ocupa na educação, visto que cada vez mais é primordial interligar os conteúdos, as vivências, as relações humanas, valorizando as particularidades de cada sujeito.

EDUCAÇÃO PARA A TRANSFORMAÇÃO: A ARTE NA ESCOLA

Pestalozzi (apud FERRARI, 2008), um dos pioneiros da pedagogia moderna, defendia que a educação tem como principal objetivo desenvolver na criança as suas habilidades naturais e inatas, ao mesmo tempo em que os sentimentos provocam o despertar no estudante o processo de aprendizagem autônoma. Assim, o professor acompanha a evolução, às aptidões e necessidades de acordo com a idade dos estudantes. Conforme Amorim (2018, *apud* carta III), Pestalozzi destacou que o desenvolvimento é um processo de desdobramento em sincronia com as atitudes, já que “uma criança é um ser dotado com todas as capacidades da natureza humana, se bem que nenhuma delas alcançou ainda seu desenvolvimento total”, isto é, as crianças desenvolvem-se gradualmente em todas as dimensões. Isso nos leva a pensar na importância da Arte na educação escolar das crianças quanto às diferentes possibilidades de manifestação e de expressão humana, assim como o desenvolvimento do senso crítico e da autonomia.

John Dewey, um dos representantes da Escola Nova, influenciou educadores de várias partes do mundo com o método espontâneo-reflexivo para o ensino da Arte e a valorização da capacidade de pensar dos estudantes no final dos anos de 1920. Sampaio (1929, *apud* SOARES, 2016) asseverou que o método de Dewey “[...] consistia em deixar a criança se expressar livremente, desenhando de memória e depois fazê-la analisar visualmente o objetivo do desenhado para, em seguida, executar um segundo desenho integrando, neste último elemento observado do objeto real”. Na atualidade, um ponto fundamental ressaltado por Barbosa (1991) na Arte é a Abordagem Triangular: contextualizar a obra no seu tempo; apreciar, pois a Arte vem também do que assimilamos e; fazer, ou seja, criar e não repetir, copiar.

Cabe apresentarmos também o educador Rudolf Steiner que concebia a educação como tarefa social fundamental para a reconstrução da sociedade e das relações entre os homens e valorizava a Arte como integrada às demais disciplinas. A educação Waldorf objetiva valorizar o desenvolvimento harmonioso do pensar, sentir e querer, estimulando a dimensão integral do ser humano (física, psicoemocional e espiritual). Quanto às atividades artísticas escolares, nota-se que não ocupam um lugar à parte, se vinculam diretamente com as demais disciplinas, pois fazem parte do jardim de infância ao último ano escolar e há propostas específicas para cada ano, considerando, por exemplo, a exploração das cores, formas e texturas. Lanz (2016) ressaltou que as atividades instigam do sentimento à ação do aluno – trabalham produzindo algo com as mãos ou outras partes do corpo, utilizando da vontade, da coordenação psicomotora e do senso estético. Inclusive, nos Anos Iniciais, há um professor polivalente que leciona as várias disciplinas, enquanto nos demais anos os professores são especializados.

Nessa linha de argumentação é fundamental destacar o educador brasileiro Paulo Freire (1996) que defendia uma ação educativo-crítica na qual a escola deveria estimular os estudantes à curiosidade e insubmissão, proporcionando-lhes condições de sujeitos criadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes. Desse modo, o professor é responsável por fomentar a discussão de temas geradores que instiguem a formação de sujeitos críticos, ativos no processo educativo, valorizando assim, suas características individuais, sociais e culturais e, portanto, ciente que ensinar “não é *transferir conhecimento*, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p. 13 grifo do autor). Logo, nos instiga a pensar que educar é formar sujeitos curiosos, criativos, críticos, reflexivos e insubmissos, fomentando uma pedagogia humanizada, que valoriza também as emoções e as relações humanas no processo de ensino-aprendizagem e, por que não por meio da Arte?

É neste sentido que educar é provocar. O educador é um provocador de curiosidades e ações, no sentido de gerar processos mais significativos e efetivos de aprendizagens. Freire (1996, p. 24) esclareceu que aprender é um processo que pode provocar no educando “uma curiosidade crescente, [...] torná-lo mais e mais criador”. Desse modo, a aprendizagem está centrada na provocação, na curiosidade, na vontade de buscar respostas para as inquietações, e nas relações – entre si, com outro e o mundo. E a Arte na escola, não pode instigar provocação, reflexão e desejo de transformação?

Os pensadores apresentados aqui, entre outros na atualidade, nos levam a refletir sobre o papel da escola em propiciar práticas educativas transformadoras que permitam a constituição, o desenvolvimento e a aprendizagem do estudante, concebendo as singularidades de cada um, com intuito de colaborar para o desenvolvimento do pensamento crítico, reflexivo e também autônomo da criança.

Cabe apresentar o idealizador da Escola da Ponte, José Pacheco. Ele afirmou que o desafio da escola é preparar o estudante para viver a vida real e, que as instituições escolares, precisam harmonizar valores do projeto pedagógico com os valores do projeto familiar (PACHECO, 2009). Tal concepção advoga pela educação humanizadora, na qual, um dos objetivos é desenvolver valores humanos, tais como: a solidariedade, a cooperação, a igualdade, a liberdade, a paz, a felicidade, a comunidade.

As definições e vivências educacionais dos estudiosos em questão são demonstrações práticas de uma educação na qual o estudante é o centro das práticas pedagógicas e aprende a partir de um ambiente escolar que impulsiona o crescimento pessoal, sendo levado a se expressar, agir e transformar a realidade. Compreende-se, desse modo, que a escola não é um espaço para preparar o estudante para o futuro e para a vida adulta, pois a finalidade da educação não deve ser abarcada apenas por disciplinas, conteúdos, socialização, entre outros, mas na compreensão da “pessoa humana ou, em outras palavras, no cultivo da *humanidade* do indivíduo” (BIESTA, 2017, p. 16 grifo do autor, *apud* LOVINE, 2003).

Assim, é fundamental que a intervenção na realidade do sujeito seja motivada pela prática de uma pedagogia humanizadora. Não se trata apenas de uma palavra nova, mas em tornar a vida de cada sujeito mais completa, agradável, tranquila, bonita – e sim, mais humana. Por isso, temos a Arte como uma área de conhecimento que vem ao encontro dessas concepções educacionais e pode fomentar e interligar diversas possibilidades educativas com intuito de desenvolver o exposto ao longo desse capítulo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nos meses de agosto e setembro de 2019, dentro do Projeto de Arte, a educadora Social Voluntária (ESV),³ desenvolveu com as crianças do 5º ano, atividades artísticas a

³ Programa que oferece suporte às atividades educacionais no âmbito da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal – em uma escola pública de Taguatinga – DF, no qual a pesquisadora 1 era a educadora social.

fim de compreender o que é Arte. O artigo em questão apresenta discussões de apenas um dos encontros detalhados no TCC: 3º Encontro, Tema: Leitura da “tela” com as digitais dos dedos das mãos. Cabe esclarecer que delimitamos nossas análises ao terceiro encontro de atividades com as crianças, considerando o nível de envolvimento, expressividade, contextualização, apreciação e a criação por parte das crianças.

Ao longo dos diversos encontros desenvolvidos com as crianças foi possível notar que a Arte está ligada às suas emoções, sensações, reações e aos sentimentos – ou seja, a contextualização do vivido, o modo como se expressavam, criavam e falavam do que significava cada criação. Nesse sentido, a intenção do 3º encontro voltou-se para a socialização oral da pintura criada pelas crianças com as digitais dos dedos das mãos. Para compreender o proposto, apresentamos algumas das representações e reflexões.

Imagem 1: Chuva de cores



Fonte: Elaborada pela criança “Olhos castanhos”;⁴ 1º encontro, 2019.

“Minha pintura significa uma chuva de cores que representam as minhas tristezas e alegrias” (Relato oral da criança “Olhos castanhos”). A pintura e o relato da criança evidenciam que a expressão artística é uma forma de descobrir, representar a sua relação com o mundo, atribuindo forma e significado ao vivido, suas alegrias e tristezas, como destacou Buoro (2000).

Considerando a natureza criativa da criança, a construção do saber humano pela Arte, a BNCC (2018, p. 1993) ressaltou que se dá por intermédio da “sensibilidade, a intuição, o pensamento, as emoções e as subjetividades se manifestam como formas de expressão no processo de aprendizagem em Arte”.

Compreende-se que a Arte é importante na vida do estudante porque além de desenvolver seu potencial criativo e criador, é por meio dela que ele exprime e revela o seu interior, desenvolve o autoconhecimento – olha para si mesmo –, como destacado nos PCN’s (1997) e aqui, dito por outra criança: “Eu quis trazer um pensamento ruim na minha pintura, que se chama raiva, pois quando alguém está com muita raiva, ela vai

⁴ As crianças foram identificadas levando em conta as características físicas trabalhadas no 1º Encontro.

fazendo o que aparece na cabeça e foi isso que pintei, essa é a Arte” (Relato oral da criança “Sorriso frouxo”).

Imagem 2: Expressão da raiva



Fonte: Elaborada pela criança “Sorriso frouxo”; 1º encontro, 2019.

Cabe refletirmos se realmente as emoções e os sentimentos das crianças são respeitados e trabalhados na escola. No contexto de aprendizagem, Freire (1996, p. 41) sinalizou que os sentimentos e as emoções têm valor e, na prática educativo-crítica proporcionam condições nas quais a criança possa assumir-se enquanto sujeito “social e histórico como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque é capaz de amar”. Partindo dessa premissa, entende-se que a emoção é uma das bases que movimenta a vida, portanto, a educação escolar precisa reconhecê-la, o que já começa a ocorrer nos escritos da BNCC (2018), documento normativo a ser seguido por todas as escolas brasileiras, públicas e privadas.

Foi possível notar que, na releitura da produção criativa, as crianças reconheceram emoções e sentimentos manifestados na atividade artística. Conforme uma das crianças: “Na aula de Artes eu fiz um trabalho e expliquei os meus sentimentos, que cada pontinho representava um sentimento: o amor, a alegria, o medo, o nervosismo, a tristeza e, a mancha enorme, são as minhas maiores felicidades da vida” (Relato oral da criança “Cabelo de Rapunzel”). Nota-se que a Arte nos remete a refletir sobre a vida de modo mais afetivo.

Imagem 3: Minhas maiores felicidades



Fonte: Elaborada pela criança “Cabelo de Rapunzel”; 1º encontro, 2019.

As produções artísticas e os relatos das crianças confirmam o que está em discussão: sentimentos e emoções estão envolvidos, interligados na constituição humana e podem ser trabalhados e reconhecidos no processo artístico escolar. Então, reconhecer sentimentos e emoções a partir das nossas vivências faz parte daquilo que somos e do modo como interagimos com o mundo, ou seja, construímos significados a partir do que vivemos, somos sujeitos que expressam, criam, refletem e apreciam, aprendendo a conviver em sociedade e transformar a realidade. Isso é de suma importância e foi apontado na Base Nacional Comum Curricular: “Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas” (BRASIL, 2018, p. 10).

Isso também significa dizer, conforme Pacheco (2009) que a educação tem finalidade de preparar o estudante para viver a vida real, ou seja, em um membro útil na sociedade e que seja autônomo. Por isso, destacamos aqui a importância de nós professores reconhecermos o estudante enquanto protagonista em suas manifestações artísticas e o instigarmos à compreensão de si mesmo e do mundo.

Portanto, confirma-se: a Arte é uma necessidade intrínseca do ser humano e o permite ter uma consciência mais ampla de mundo. Cabe refletirmos adiante: As práticas pedagógicas consideram as manifestações artísticas dos estudantes? Ademais, para compreender a Arte do mundo, as manifestações artísticas como de Van Gogh, Picasso, Tarsila do Amaral, entre outros (as), é necessário compreender antes a Arte pertencente ao sujeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Arte não se restringe ao ato de pintar, desenhar, dançar entre outros, mas é a pura expressão de sentimentos, emoções, compreensão da “própria arte” para compreender a Arte do mundo como apresentado nas discussões teóricas apresentadas, nas obras e nos relatos dos estudantes do 5º ano. Quando a escola oportuniza vivências criadoras, nas quais as crianças podem apresentar o que pensam e sentem por meio de uma pintura, como constatado no terceiro encontro, criam, contextualizam, leem, releem a própria obra de modo profundo de sentidos, reflexivo e também autônomo.

A pesquisa sinalizou a importância de o sujeito ser reconhecido, se conhecer e reconhecer a si mesmo para compreender o outro e o mundo, como destacado na BNCC (2018). Nota-se que vivência, criatividade, sentimentos, emoções e autonomia aparecem como elementos essenciais à aprendizagem e há uma relação intrínseca entre Arte e Criatividade, inclusive, colaborando para a compreensão da constituição e da identidade de cada estudante enquanto ser único e parte de um contexto social. Considera-se a síntese subjetiva de significações construídas, na qual o estudante pode ser concebido como aquele que cria e recria, transforma e reedita a realidade a partir de suas experiências. Assim, cabe questionar: Como a Arte tem sido concebida nas salas de aulas pelos professores e estudantes?

A Arte é imprescindível na dinâmica social, formação de professores, no contexto escolar e na constituição humana, pois propicia a cada ser refletir sobre sua própria realidade, levando em conta as experiências e avançando para uma visão mais global de si e do mundo. E como fazer na escola? Uma das formas é resgatar a natureza criativa dos sujeitos – professores e estudantes – por meio da Arte, seja pelas artes visuais, dança, música e pelo teatro, concebendo a conexão com as demais áreas do conhecimento.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Litza de Oliveira. **Cartas sobre Educação infantil de Johan Heinrich Pestalozzi: imagens de mãe na correspondência de educadores**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba. Piracicaba, 2018.

AZEVEDO, F. **A educação entre dois mundos**. São Paulo: Melhoramentos, 1956.

BARBOSA, A. M. **A imagem no Ensino da Arte**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

BEST, David. **A racionalidade do sentimento: o papel das artes na educação**. Portugal: Porto Codex, 1996.

BIESTA, Gert. **Para além da aprendizagem: educação democrática para um futuro humano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação e Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. Brasília, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum->

mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/12/BNCC_19dez2018_site.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2021

BUORO, Anamelia Bueno. **O olhar em construção:** uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola. São Paulo: Cortez, 2000.

FERRARI, Márcio. **Pestalozzi, o teórico que incorporou o afeto a sala de aula.** Nova Escola. 1º de outubro de 2008.

FERRAZ, Maria Heloisa; FUZARI, Maria Helismina. **Arte na educação escolar.** São Paulo: Cortez, 2009.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LAKATOS, E. M. de A.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos da metodologia científica.** São Paulo: Atlas, 2003.

LANZ, Rudolf. **A Pedagogia Waldorf:** caminho para um ensino mais humano. São Paulo: Antroposófica, 2016. Disponível em: <https://www.editoraantroposofica.com.br/pdfs_sumarios/A%20Pedagogia%20Waldorf.pdf>. Acesso em: 13 set. 2021.

PACHECO, José. **Pequeno dicionário das utopias da educação.** Wak, 2009.

PILLAR, A. D. (org). **A educação do olhar no ensino das artes.** Porto Alegre: Mediação, 2009.

SOARES, Cecília Aparecida. **O ensino de arte na escola brasileira:** fundamentos e tendências. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Uberaba. Uberaba, Programa de Mestrado, 2016.

TEIXEIRA, Anísio; WESTBROOKK, Robert B (org.). **John Dewey.** Coleção Educadores MEC. Recife: Massangana, 2010. Disponível em: <https://www.academia.edu/7822884/JOHN_DEWEY>. Acesso em: 14 set. 2019.

YIN, Rober K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim.** Trad.: Daniel Bueno. Porto Alegre: Penso, 2016.